

CFP NEOMEDIEVAL 3.2 (2026)

O eterno retorno de um rei maleável: recepção e ressignificação do mito arturiano na cultura contemporânea (séculos XIX-XXI)

Organizador: Julio San Román Cazorla (Universidad Complutense de Madrid, julsanro@ucm.es)

A figura do rei Artur tem estado, desde suas origens, envolta em uma gama de ambiguidade entre o histórico e o lendário, o que facilitou sua permanência e incessante reinvenção ao longo de mais de um milênio. Longe de constituir um vestígio do passado medieval, o mito arturiano demonstrou uma extraordinária plasticidade para se adaptar aos discursos, formatos e necessidades simbólicas de cada época. Assim, do chefe de guerra que teria combatido contra os saxões no contexto pós-romano da Britânia tardo antiga ao monarca messiânico que retornará quando a pátria precisar, Artur encarnou múltiplas funções narrativas, políticas, religiosas e identitárias. Este dossiê temático se propõe a investigar, desde uma perspectiva interdisciplinar, a permanência, apropriação e ressignificação do ciclo arturiano desde o século XIX até os dias atuais.

O ciclo arturiano, tal como o conhecemos, começa a se configurar com a *Historia Regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth (ca. 1136), uma crônica latina que dota Artur de uma genealogia, uma corte, uma épica de conquista e uma dimensão quase imperial. No entanto, já neste momento, são recolhidos elementos procedentes de uma tradição oral celta anterior, como o mito do retorno do rei ou a conexão com o sobrenatural. A partir de Geoffrey, autores como Chrétien de Troyes, Robert de Boron ou os compiladores do ciclo da Vulgata desenvolveram um *corpus* literário que combinava elementos cristãos, motivos cavaleirescos, simbolismo escatológico e folclore céltico, e que estabelecia as personagens e as estruturas narrativas que constituiriam a matéria arturiana: o Santo Graal, a Távola Redonda, a traição de Lancelote, a feitiçaria de Morgana, a figura ambígua de Merlin, etc.

Durante a Idade Média, o ciclo arturiano gozou de uma enorme difusão tanto em verso quanto em prosa, em francês, inglês médio, alemão ou nórdico antigo. No entanto, com a chegada do Renascimento e o auge do humanismo, os ideais cavaleirescos associados ao mundo arturiano foram gradualmente deslocados por uma visão do mundo centrada na razão, no indivíduo e no legado clássico. Embora houvesse menções ocasionais ao mito, não foi até o Romantismo do século XIX que se produziu um autêntico renascimento arturiano (Arthurian Revival) que marcaria o início de sua recepção moderna.

Autores como Lord Alfred Tennyson, Algernon Charles Swinburne ou Matthew Arnold reintroduziram Artur no cânone literário por intermédio de novas coordenadas estéticas e ideológicas. O interesse pelo passado medieval, as lendas célticas e os arquétipos heroicos se entrelaçou a uma sensibilidade moderna que começava a problematizar a figura do herói, a pureza ou o idealismo. Essa releitura romântica teve seu reflexo também na pintura pré-rafaelita (como em *A Dama de Shalott* de John William Waterhouse), na música (como nas óperas *Lohengrin*, *Tristão e Isolda* ou *Parsifal* de Wagner) e, posteriormente, no cinema, nos quadrinhos ou na animação.

O século XX marcou uma diversificação sem precedentes do ciclo arturiano. Em um contexto dominado pelas guerras mundiais, a expansão do entretenimento de massas e o auge dos meios audiovisuais, a lenda arturiana foi transformada em chave humorística (Mark Twain, Monty Python), fantástica (T. H. White, Marion Zimmer Bradley), épica (*Excalibur* de John Boorman, 1981), e até futurista (*Camelot 3000* de Mike W. Barr e Brian Bolland, 1982-1985). O mito foi, muitas vezes, despojado de sua solenidade para explorar novas dimensões: o conflito interior dos heróis, a marginalidade dos magos, o desejo reprimido das damas ou a violência estrutural da cavalaria. Através dessas transformações, o mito arturiano serviu como dispositivo crítico para refletir sobre o poder, a masculinidade, o imperialismo, a espiritualidade ou a memória histórica.

Atualmente, longe de se esgotar, o ciclo arturiano continua gerando novas adaptações e ressignificações. Desde os videogames (*Tainted Grail: The Fall of Avalon*, 2025) até as séries juvenis (*Maldita*,

2020), passando por filmes de grande orçamento (*Rei Artur: A Lenda de Excalibur* de Guy Ritchie, 2017, ou *O Cavaleiro Verde* de David Lowery, 2020) ou reinterpretações feministas, *queer* ou decoloniais (*Lança* de Nicola Griffith, 2022), a lenda do rei Artur funciona como um espaço simbólico no qual convergem tradição e modernidade. Que valores projetam hoje as figuras de Merlin, Guinevere ou Lancelote? Que papel desempenha o Graal na espiritualidade pós-moderna? Como Camelot se transformou nas utopias (ou distopias) contemporâneas? Que função cumpre o retorno do rei em um mundo desencantado?

Este dossiê temático busca reunir contribuições acadêmicas que analisem as diversas formas em que o ciclo arturiano foi reinterpretado, reescrito, parodiado ou problematizado desde o século XIX até o presente. Convidamos pesquisadoras e pesquisadores das áreas de literatura comparada, estudos culturais, história, meios audiovisuais, arte, música, filosofia, filologia, teatro ou videogames a enviar artigos originais que abordem essas e outras questões por intermédio de uma perspectiva crítica, teórica ou historiográfica. Serão especialmente bem-vindos os trabalhos que abordem as seguintes linhas de pesquisa:

1. Reescrituras literárias do ciclo arturiano desde o século XIX até a atualidade.
2. Representações do rei Artur e da Távola Redonda no cinema, televisão e animação.
3. Imaginário arturiano nos quadrinhos, videogames e narrativas transmídia.
4. Abordagens feministas, *queer* ou pós-coloniais à matéria da Bretanha.
5. Mito do Graal e sua ressignificação moderna.
6. Retorno messiânico do rei Artur em contextos históricos e políticos.
7. Recepção de personagens-chave (Merlin, Guinevere, Morgana, Percival, Gawain etc.).
8. Adaptações musicais: ópera, rock sinfônico, musicais.
9. A ironia, a sátira e a paródia na releitura do ciclo arturiano.
10. Nostalgia, medievalismo e construção de identidades nacionais através de Artur.

Bibliografía

- Carlos Alvar y José Ramón Trujillo (dirs.), *Literaturas artúricas ibéricas: nuevas perspectivas*, San Millán de la Cogolla, Cilengua, 2021.
- Susan Aronstein, *Hollywood Knights: Arthurian Cinema and the Politics of Nostalgia*, Nueva York, Palgrave Macmillan, 2005.
- Juan Antonio Barrio Barrio, «La Edad Media en el cine del siglo XX». *Medievalismo*, 15 (2005), pp. 241-268. <https://revistas.um.es/medievalismo/article/view/51131>.
- D. Blanco Fernández, «El rey Arturo y su corte en la Segunda Guerra Mundial: “El rey”, una alohistoria de Donald Barthelme», *Impossibilia. Revista Internacional De Estudios Literarios*, 25 (2023), pp. 59-74. <https://doi.org/10.30827/impossibilia.252023.26926>.
- Walter Brumm, «The Arthurian Revival in Modern Fantasy Literature: A Critical Overview», *Journal of the Fantastic in the Arts*, 18.2 (2007), pp. 272-289.
- I. Bryden, *Reinventing King Arthur: The Arthurian Legends in Victorian Culture*, Londres, Routledge, 2005. <https://doi.org/10.4324/9781315244846>.
- Shiloh Carroll, «Arthur in Modern Fantasy Literature» *The Arthurian World*, Londres, Routledge, 2022, pp. 477-487.
- Paloma Díaz Mas, «Cómo y por qué escribir una novela artúrica contemporánea: *El rapto del Santo Grial*», *Magia, brujería, inquisición*, Antonio Hueras Morales (dir.), Valencia, Universidad de Valencia, 2019, pp. 9-14.
- María Pura Fernández Fernández, «La pervivencia del mito artúrico en la literatura fantástica contemporánea: el caso de Marion Zimmer Bradley y T.H. White», *Revista de Filología Románica*, 30.1 (2013a), pp. 129-143.
- María Pura Fernández Fernández, «El ciclo artúrico en el cine: de *Excalibur* a las nuevas adaptaciones», *Estudios Románicos*, 22 (2013b), pp. 261-278.
- François Gallix, «TH White and the Legend of King Arthur: From Animal Fantasy to Political Morality», *King Arthur*, Londres, Routledge, 2013, pp. 281-297.
- Carlos García Gual, «El Rey Arturo en el cine: de Excalibur a las nuevas recreaciones», *Mitos y películas: El cine y sus fábulas*, Madrid, Alianza Editorial, 2013, pp. 123-145.
- Santiago Gutiérrez García, «Un nuevo rey Arturo para el siglo XXI. Tradición y originalidad en King Arthur de Guy Ritchie (2017)», *Magia, brujería*,

- inquisición*, Antonio Huertas Morales (dir.), Valencia, Universidad de Valencia, 2019, pp. 143-166.
- Jennifer Hartung, «Playing with the Past: Medievalism, Video Games, and the Arthurian Legend», *Postmedieval: A Journal of Medieval Cultural Studies*, 8.2 (2017), pp. 225-241.
- Swapna Krishna y Jenn Northington, *Sword Stone Table: Old Legends, New Voices*, Londres, Vintage Books, 2021.
- Norris J. Lacy y James J. Wilhelm (eds.), *The New Arthurian Encyclopedia*, Nueva York, Garland Publishing, 1996.
- Alan Lupack y Barbara Tapa Lupack, *King Arthur in America*, Nueva York, D.S. Brewer, 2001.
- Barbara Tapa Lupack, «King Arthur and Black American Popular Culture», *New Directions in Arthurian Studies*, Nueva York, Boydell & Brewer, 2002, pp. 105-122.
- Dan Nastali, «Arthur Without Fantasy: Dark Age Britain in Recent Historical Fiction», *Arthuriana*, 9.1 (1999), pp. 5-22.
- Raffaella Nencini, «“Despertar los mejores espíritus”. Manuel Vázquez Montalbán y la reescritura de *Erec et Enide* de Chrétien de Troyes», *Orillas. Revista d’ispanísticas*, 13 (2024), pp. 591-599.
- Vicente Pascual de Cabo, «El ciclo artúrico y la reescritura de la épica medieval en la literatura fantástica española contemporánea», *Anuario de Estudios Medievales*, 42.1 (2012), pp. 325-345.
- S. Elisabeth Passmore, «King Arthur: The Once and Future Misconception», *Misconceptions about the Middle Ages* (eds. Stephen J. Harris y Bryon Lee Grigsby), Nueva York, Routledge, 2009, pp. 188-194.
- Beverly Patterson, «Camelot on Screen: The Arthurian Legend in Film and Television». *Literature/Film Quarterly*, 32.4 (2004), pp. 297-307.
- Enrique San Miguel Pérez, «Camelot en el cine: de la Tabla Redonda del Rey Arturo a la Nueva Frontera de John Kennedy», *Revista Aquitas: Estudios sobre historia, derecho e instituciones*, 3 (2013), pp. 305-328.
- Garin Boronat M. Pérez Torío, «La Narrativa artúrica como modelo para la escritura de series televisivas: perspectivas históricas y formales», *Historia y comunicación social*, 18.3 (2013), pp. 587-99. https://doi.org/10.5209/rev_HICS.2013.v18.44268.
- Adam Roberts, *Silk and Potatoes: Contemporary Arthurian Fantasy*, Amsterdam, Rodopi, 1998.

- Jesús Ruiz de la Serna, «Revisitando Camelot: La leyenda artúrica en la fantasía española actual», *Boletín de la Asociación Española de Estudios Anglo-Americanos*, 30 (2008), pp. 101-115.
- Philippa Semper, «“My Other World”: Historical Reflections and Refractions in Modern Arthurian Fantasy», *Medieval Afterlives in Popular Culture*, Nueva York, Springer, 2012, pp. 173-186.
- Britt Sherman, «Resurrecting King Arthur: An Exploration of King Arthur’s Legend in Popular Culture», *Reflections on Medieval and Renaissance Thought*, Cambridge, Cambridge Scholars Publishing, 2017, pp. 106-123.
- Elizabeth S. Sklar y Donald L. Hoffman, *King Arthur in Popular Culture*, Jefferson, McFarland & Co. Publishers, 2015.
- Roberto Umpiérrez Alonso, «Una aproximación a la tradición artúrica a través de Myrddin y el cómic», *NEXO*, 20 (2024), pp. 11-21, <https://doi.org/10.56029/nx2011>.
- Juan Miguel Zarandona, «La literatura artúrica española, ibérica e iberoamericana contemporánea: neomedievalismo cultural, literatura comparada y traducción literaria», *Mil Seiscientos Dieciséis, Anuario 2006*, 12 (2006), pp. 107-118.
- Juan Miguel Zarandona, *La literatura artúrica contemporánea española. Tomo I: Desde Tennyson hasta nuestros días*, Londres, Editorial Académica Española, 2011.
- Juan Miguel Zarandona (ed.), *De Britania a Britonia. La leyenda artúrica en tierras de Iberia: cultura, literatura y traducción*, Berna, Peter Lang, 2014.